DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.723

Macabéa, uma migrante do nordeste do Brasil: um símbolo de ternura, a antítese do ódio[1]

Macabéa, a northeasten brazilian migrant: a symbol of tenderness, the antithesis of hatred

Maria Theresa da Costa Barros[*]

Resumo

Na *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector apresenta Macabéa como uma migrante do Nordeste do Brasil cuja existência fragmentada não a impediu de preservar a linguagem da ternura em meio à crueldade das relações sociais que encontrou no Rio de Janeiro. Com Ferenczi, Macabéa pode ser compreendida metaforicamente como uma criança jogada em um mundo desprotegido, com falta de estruturas de mediação, só e desamparada diante das paixões adultas. Sua vulnerabilidade suscita a esperança de que o mundo a trate com gentileza. Macabéa pode também ser compreendida como ícone das crianças traumatizadas em um, cada vez mais cruel e destrutivo mundo contemporâneo – um mundo no qual o potencial reparador da linguagem da ternura pode constituir uma das poucas barreiras contra ódio e sofrimento. Em "Confusão de Linguagem entre os Adultos e a Criança (A linguagem da ternura e da paixão)," Ferenczi revisita ideias desenvolvidas por Freud e propõe que o amor objetal é precedido de um estágio de identificação. Ele se refere a esse estágio como "Amor Objetal Passivo" ou "Ternura", e assume que a identificação ocorre nessa fase (FERENCZI, 1932/2011, p. 118). Ferenczi distingue a linguagem da ternura [*Zärtlichkeit*] da linguagem da paixão adulta [*Leidenschaft*]. No pensamento ferencziano, ternura, como antítese do ódio e da crueldade, possibilita uma forma de subjetivação autoplástica cujo mimetismo facilita adaptação através da criatividade da reorganização dos fragmentos psíquicos. A abordagem ferencziana do trauma abre um novo espaço clínico: uma

1. Este artigo foi aceito para apresentação na 15ª Conferencia Internacional Sándor Ferenczi, que terá lugar em Madrid de 14 a 17 de outubro de 2026, sob o tema "Desmentido, dor e sofrimento no mundo contemporâneo" e, proposto dentro do quarto eixo temático "A ternura como antítese do ódio".

[*] Psicóloga, Psicanalista e Pesquisadora. Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-Doutorado em Psicologia Social pelo PPGPS do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Teoria Psicanalítica pelo PPGTP do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Sándor Ferenczi. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mtcostabarros@gmail.com

clínica do cuidado sustentada na empatia [*Einfühlung*], na capacidade de o analista "sentir com" o outro (KUPERMANN, 2022, p. 123). Nesta perspectiva, emerge um enfoque clínico no qual analista e analisando compartilham uma forma de escuta através da linguagem da ternura e da compaixão – um meio indispensável de facilitar que a criatividade possa emergir dos fragmentos psíquicos (FERENCZI, 1930/2011, p. 272).
Palavras-chave: Clarice Lispector. Macabéa. Linguagem da ternura. Subjetivação autoplástica. Fragmentos psíquicos. Sándor Ferenczi.

Abstract
In The Hour of the Star*, Clarice Lispector creates, Macabéa, a Northeastern Brazilian migrant whose fragmented existence does not prevent her from preserving a language of tenderness amid the cruelty of the social relations she encounters in Rio de Janeiro. Drawing on Ferenczi, we can metaphorically understand Macabéa as a child cast into an unprotected world, deprived of mediating structures and left alone and helpless in the face of adult passions. We find ourselves hoping that the world will be gentle with her. Macabéa can be understood as an icon of traumatized children in a contemporary world that is increasingly cruel and destructive – a world in which the reparative potential of the language of tenderness may constitute one of the few remaining protective barriers against hatred and suffering. In "Confusion of Tongues Between Adults and the Child (The Language of Tenderness and Passion)," Ferenczi revisits some ideas developed by Freud, leading him to propose that object love is preceded by a stage of identification. He calls this stage "Passive Object Love," or "Tenderness," assuming that identification takes place at this stage (FERENCZI, 1932/2011, p. 118). Ferenczi distinguishes the language of tenderness [Zärtlichkeit] from the language of adult passion [Leidenschaft]. Within Ferenczian thought, tenderness, as the antithesis of hatred and cruelty, enables a form of autoplastic subjectivation in which mimicry facilitates adaptation through the creative reorganization of psychic fragments. Ferenczi's approach to trauma thus opens a new clinical space: a clinic of care grounded in empathy [Einfühlung], and in the analyst's capacity to "feel into" the other (KUPERMANN, 2022, p. 123). From this perspective, a clinical approach emerges in which analyst and analysand share a mode of listening through the language of tenderness and compassion – an indispensable means of enabling creativity to emerge from psychic fragments (FERENCZI, 1930/2011, p. 272).*
Keywords: *Clarice Lispector. Macabéa. Language of tenderness. Autoplastic subjectivation. Psychic fragments. Sándor Ferenczi.*

A Hora da Estrela é o último e derradeiro romance de Clarice Lispector. Em uma entrevista, afirma: "história de uma moça, tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é isso só não, é a história de uma inocência pisada, duma miséria anônima". Macabéa é essa moça, nascida no estado de Alagoas, no Nordeste brasileiro e tem dezenove anos. Ao ser indagada onde ela havia buscado dentro de si mesma, Clarice responde: "Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira dos nordestinos no campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá e peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí, começou a nascer a ideia (...)" (LISPECTOR *Apud* BIANCHI, 1977).

No Posfácio de *A Hora da Estrela – Intersecções: Realidade e Ficção*, escrito por Paulo Gurgel Valente, filho da autora, ficamos sabendo que a escolha do nome Macabéa remete às origens judaicas de Clarice Lispector:

> "(...) Macabéa, nome sonoro que remete ao nordeste brasileiro, também nos leva à origem dos guerreiros judeus rebeldes, os Macabeus, contra a cultura estrangeira e invasora. Os Macabeus, grupo dominante e prestigiado de Israel cerca de dois séculos antes de Cristo, revoltaram-se quando Antiochus IV, rei da Síria (175-164 a.C.), tentou forçar a implementação do helenismo na Judéia. Desde as campanhas de Alexandre, o Grande, os hábitos e ideias gregas foram amplamente adotadas na Palestina. E Clarice, de ascendência Judaica, foi aluna no Recife do Colégio Hebreu Ídish Brasileiro, hoje Colégio Israelita Moysés Chvarts, e pelo menos na infância viveu a cultura judaica. O nome Macabéa teria possivelmente origem nesse seu contato próximo com a cultura judaica, não esquecendo que *A Hora da Estrela* pode também nos remeter a um dos maiores símbolos judaicos, a estrela de David, com seis pontas" (RANGEL *apud* LISPECTOR, 2020, p. 85).

Sándor Ferenczi viveu uma problemática semelhante, em sua época, à evocada pelos Macabeus, de luta contra a cultura estrangeira e invasora. Por ser húngaro, Ferenczi foi criado com o uso de duas linguagens, a linguagem magiar, usada para as relações afetivas e de intimidade e o alemão, a língua do invasor falada de preferência nos espaços públicos. Neste romance A *Hora da Estrela*, Lispector faz um giro sobre tudo que havia escrito até aquele momento com sua literatura intimista, isto um pouco antes da sua morte, em nove de dezembro de mil novecentos e setenta e sete, um dia antes de completar cinquenta e sete anos. Clarice morreu de um câncer de ovário que demorou demais para ser diagnosticado. Talvez por isso, no momento em que escreveu

essa novela, a realidade externa tenha adquirido para ela, um outro estatuto. O Brasil, no qual Clarice vivia, estava desde mil novecentos e sessenta e quatro sob o jugo opressor de uma ditadura militar, na qual tanto escritores quanto artistas e intelectuais encontravam-se sob a vigilância do crivo da censura. Tudo isso deve ter contribuído para que duvidasse se, afinal nós sabíamos do que se tratava quando ousávamos pôr em palavras a realidade, quando nos propúnhamos falar a seu respeito:

> Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ouso clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratom o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta (LISPECTOR, 2020, p. 14).

Rodrigo S. M., escritor e narrador da história de Macabéa, assim como a própria nordestina, é também uma projeção de Clarice, e, assume ser seu dever – "ainda que seja de pouca arte" (LISPECTOR, 2020, p. 11), de revelar-lhe a vida:

> Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas (LISPECTOR, 2020, p. 11-12).

A escolha da história da nordestina Macabéa como ilustração do quarto tema proposto pelo Congresso Internacional Sándor Ferenczi (Madrid, 2026) – *A ternura, o oposto do ódio e da crueldade, é a fonte de uma forma diferente de subjetivação. A criatividade dos fragmentos psíquicos* – é, para nós, uma forma de destacar quanto as palavras importam, e, com elas a linguagem, porque essa foi a via pela qual reconhecemos em Macabéa uma forma diferente de subjetivação, uma subjetivação autoplástica, um símbolo da ternura, antítese do ódio.

Essa dureza da realidade vivida pela nordestina, que nos é relatada por Rodrigo S. M, e, da qual ela parece se defender por meio da fragmentação do seu eu, usando uma "linguagem da ternura" que se torna único escudo protetor diante das agressões e humilhações sofridas. Na infância, ficamos sabendo que conheceu a "linguagem da paixão" através da relação com sua tia que gostava de lhe dar cascudos e castigá-la, além de ter crescido em uma realidade social traumatizante, atravessada pela fome e convivência com profundas desigualdades sociais.

Levantamos a hipótese de que, metaforicamente, essa história de Macabéa reflete, como em um espelho, a realidade atual, na qual diariamente testemunhamos o trauma social ao qual crianças do mundo todo encontram-se expostas. Crianças em absoluto estado de desalento, sem abrigo, sem ter o que comer, sem ninguém que possa protegê-las ou salvá-las. A ternura, com seu potencial reparador, ocupa nessa realidade um lugar muito importante, talvez único, tanto para as crianças da atualidade quanto para Macabéa que encontram nessa linguagem da ternura uma forma de subjetivação autoplástica, diante de tanto ódio e destrutividade. Mas, estar "sob a pressão da urgência traumática", como nos fala Sándor Ferenczi, pode ter efeitos imprevisíveis e patológicos, tais como a manifestação de todas as emoções de um adulto maduro:

> Nesse caso, pode-se falar simplesmente, para opô-la à regressão de que falamos de hábito, de progressão traumática (patológica) ou de prematuração (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos demais, quando um bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado (FERENCZI, 1932/2011, p. 119).

Quais são essas vivências traumáticas, os maus antecedentes da nordestina alagoana brasileira que podem tê-la levado a essa progressão traumática (patológica) apontada por Ferenczi? Ou haveria alguma possibilidade de escapar a um destino tão funesto? Por ter nascido no sertão de Alagoas, Macabéa já nasce raquítica e aos dois anos perde seus pais para as "febres ruins do sertão". Vai viver então, em Maceió, capital do estado, com sua única tia beata e que considerava ser seu dever impedir que a sobrinha deixasse de ser moça direita e, disso Macabéa nunca havia se esquecido:

> (...) a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com o nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater

> gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficava nas ruas de cigarro aceso esperando homem (LISPECTOR, 2020, p. 25).

Mas pior que os cascudos era ficar privada de sua única paixão na vida: a sobremesa de todos os dias, goiabada com queijo. Não é que este se tornara o castigo favorito da tia cruel: "a menina não perguntava por que era sempre castigada, mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante da sua vida" (LISPECTOR, 2020, p. 25). Logo, nos perguntamos: de que maneira essas vivências traumáticas afetaram Macabéa? No seu *Diário Clínico*, Ferenczi também se pergunta: O que é o trauma? E responde: "*Comoção, reação a uma excitação externa ou interna num modo mais autoplástico (que modifica o eu)* do que aloplástico (que modifica a excitação). *Essa neoformação do eu é impossível sem uma prévia destruição parcial ou total, ou sem dissolução do eu precedente*" (FERENCZI, 1932/2011, p. 227 *apud* KAHTUNI, 2009, grifos da autora).

Com a morte da tia, que não partira sem antes lhe dar um "ralo" curso de datilografia, Macabéa se muda para o Rio de Janeiro, onde arranja emprego de datilógrafa nesta cidade que não fora feita para ela. Melhor se tivesse ficado no sertão com seu vestido de chita e sem datilografia:

> (...) já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra (...). Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra 'designar' de modo como em língua falada diria: 'desiguinar' (LISPECTOR, 2020, p. 12-13).

Para Macabéa, a realidade no Rio de Janeiro não era em nada diferente da que já conhecia, desde o sertão de Alagoas e, depois na cidade de Maceió, onde teve de ir morar com a tia, depois que os pais morreram. Desses nem o nome lembrava, e, a tia também nunca falava. A única realidade que conhecia era uma realidade bruta, dura, que chegava pela linguagem da paixão do adulto (*Leidenschaft*) na qual só recebia agressões, humilhações, desqualificações, violências, e, perante a qual, sua única estratégia, pelo menos a única da qual conseguira se apropriar, era a ternura, aquela delicadeza própria dessa linguagem (*Zärtlichkeit*), uma ternura fruto de uma "inocência pisada", mas que não havia sido corrompida, apesar da progressão traumática (patológica) e de seus

efeitos que nem por isso foram menores. Mas essa progressão afinal, como podemos pensá-la? Kupermann explica o seguinte:

> No 'pós-escrito' ao ensaio *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, Ferenczi esclarece que a paixão do adulto inocula na criança o sentimento de culpa próprio do erotismo adulto, que transforma prematuramente objeto de ternura em objeto de ódio e de amor simultaneamente, ou seja, em um objeto ambivalente. De acordo com Ferenczi, seria a ambivalência – inexistente no estágio da ternura – e o enigma da culpa e do ódio nas relações ternas que detêm potencial traumático (KUPERMANN, 2022, p. 85).

No relato da história dessa nordestina, a primeira contextualização dessa confusão entre as linguagens da paixão adulta [*Leidenschaft*] e da ternura [*Zärtlichkeit*], com a inoculação desse sentimento de culpa próprio da paixão adulta, vai ser desvelada por Rodrigo S. M. na relação de Macabéa com o amado chefe, o senhor Raimundo Silveira:

> (...) Vou agora começar pelo meio dizendo que –
>
> – Que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (Vai ser difícil escrever essa história. Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei de me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona.) Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representantes de roldana avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto a moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosa a seu escondidamente amado chefe: – Me desculpe o aborrecimento. O Senhor Raimundo Silveira – que a essa altura já lhe havia virado as costas – voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz, embora a contragosto: – Bem, a despedida não pode ser para já, é capaz até de demorar um pouco". (LISPECTOR, 2020, p. 21-22).

Nesta história, surgem dois outros personagens importantes para o seu desenrolar: a colega de trabalho Glória, esta mesma que irá roubar o primeiro e único namorado de Macabéa, Olímpico de Jesus Moreira Chaves, que além de se autodenominar metalúrgico ao invés de operário, acrescenta ao próprio sobrenome Jesus, mais dois outros, Moreira Chaves, pois seu verdadeiro e único sobrenome – Jesus, era sobrenome dos que não têm pai. Olímpico era também nordestino lá da Paraíba, e, foi justo para ele que Macabéa revelou seu maior desejo:

> – Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marylin era toda cor-de-rosa (LISPECTOR, 2020, p. 48)

Olímpico responde com a linguagem da paixão e desqualifica com toda ignorância o maior desejo de Macabéa:

> – E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema".

Macabéa pergunta com sua "inocência pisada":

> – Você acha mesmo?

Olímpico retruca:

> – Tá na cara. (LISPECTOR, 2020, p. 48).

Neste diálogo, entre Macabéa e Olímpico, percebemos a manifestação de uma forma sutil de subjetivação autoplástica, uma forma lúdica de ser uma Marylin cor de rosa. Mas, diante do veredicto cruel do Olímpico, "cor de suja" e sem rosto nem corpo de artista de cinema, Macabéa não reage de forma aloplástica, pretendendo pela decepção e raiva mudar o outro. Pelo contrário, com toda sua "inocência pisada" pergunta: "Você acha mesmo"? E, enquanto ele confirma a agressão: "Tá na cara", ela parece se expandir autoplasticamente através da criatividade dos fragmentos psíquicos do eu em busca de uma adaptação interna, pelo mimetismo que embora sutil, mesmo assim lhe permite ultrapassar essa linha tênue de uma simples passividade traumática.

Glória, por sua vez, sentindo-se culpada pelo roubo do namorado, sugere a ida de Macabéa a uma cartomante – Madame Carlota – que tal como um oráculo vai desvendar o destino da nordestina:

> – Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir! (LISPECTOR, 2020, p. 69).
> "(...) E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro? (LISPECTOR, 2020, p. 69).
> – Não senhora, disse Macabéa já desanimando (LISPECTOR, 2020, p. 70).
> – Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. (...) esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele que vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! (LISPECTOR, 2020, p. 70).
> (...) – Mas casaco de pele não se precisa no calor do Rio (LISPECTOR, 2020, p. 70)

Macabéa, sai um pouco atordoada. Pela primeira vez alguém falava com a linguagem da ternura dirigida a sua pessoa, mas...

> (...) Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! (LISPECTOR, 2020, p. 72).
> E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. (LISPECTOR, 2020, p. 72).

Sándor Ferenczi foi quem lançou numa fase final de sua obra, interrompida por sua morte, essa oposição entre a linguagem da ternura e a linguagem da paixão. Ocupando o lugar de interlocutor privilegiado de Sigmund Freud desde os começos da Psicanálise, deixou um legado de valor inestimável para a clínica psicanalítica de todas as épocas. Seu gesto, ao retomar a teoria do Trauma e criticar o pensamento freudiano, afirmando que apenas os textos teóricos não bastavam para sustentar a clínica, resultou na publicação, indubitavelmente, de um de seus escritos mais decisivos para a renovação da clínica psicanalítica: "*Confusão de Linguagens entre os Adultos e a Criança (A linguagem da*

ternura e da paixão)", um ano antes de morrer. Ferenczi, ao fundar uma clínica da escuta do infantil no adulto, "contribuiu para o reforço da concepção de que a escuta psicanalítica é, efetivamente, um exercício de cuidado com o outro" (KUPERMANN, 2022, p. 113) forjada na Empatia [*Einfühlung*], na capacidade do analista "sentir dentro" (KUPERMANN, 2022, p. 123). Esta forma de conceber a clínica psicanalítica do trauma, através da relação intersubjetiva analista/analisante por meio da linguagem da ternura, inaugura novas perspectivas, possibilitando uma integração do que antes estava fragmentado.

Pretendemos ampliar o debate a respeito dessa problemática da linguagem no campo psicanalítico. Tanto Sigmund Freud, quanto seu interlocutor, Sándor Ferenczi, ambos se detiveram de forma cuidadosa e atenta sobre a questão da linguagem, que implica o afeto e a representação. Tendo como ponto de partida, visões distintas sobre o que é a linguagem, essa discussão evidencia a importância de uma articulação entre a história da psicanálise, a metapsicologia, a clínica e suas inovações.

Referências

BIANCHI, H. Entrevista com Clarice Lispector. In: Instagram, cinemaguiado, 1977.

FERENCZI, S. (1930). *XXI Notas e fragmentos, toda adaptação é precedida de uma tentativa de desintegração* (31.08.1930). 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras completas, 4).

_____. (1932). *Confusão de linguagem entre os adultos e a criança* (A linguagem da ternura e da paixão). 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras completas, 4).

KAHTUNI, H. C. *Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi*: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: FAPESP, 2009.

KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2022.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

VALENTE, P. R. Intersecções: Realidade e ficção (Posfácio). In: LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

Tramitação

Recebido 13/05/2026

Aprovado 15/05/2026